



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

LEVY QUIRINO CAVALCANTE JÚNIOR

**SABERES E PRÁTICAS MÉDICO-PEDAGÓGICAS:
OS DISCURSOS SOBRE O CONTROLE DO CORPO NA IMPRENSA PARAIBANA
NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

**GUARABIRA - PB
2018**

LEVY QUIRINO CAVALCANTE JÚNIOR

**SABERES E PRÁTICAS MÉDICO-PEDAGÓGICAS:
OS DISCURSOS SOBRE O CONTROLE DO CORPO NA IMPRENSA PARAIBANA
NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciado em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Edna Maria de Araújo.

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C377s Cavalcante Júnior, Levy Quirino

Saberes e práticas médico-pedagógicas: os discursos sobre o controle do corpo na imprensa paraibana na primeira metade do século XX / Levy Quirino Cavalcante Júnior. – Guarabira: UEPB, 2018.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Edna Maria de Araújo.”

1. Discurso médico-pedagógico. 2. Medicina. 3. Corpo.
I.Título.

22.ed. CDD 401.41

LEVY QUIRINO CAVALCANTE JÚNIOR

**SABERES E PRÁTICAS MÉDICO-PEDAGÓGICAS:
OS DISCURSOS SOBRE O CONTROLE DO CORPO NA IMPRENSA PARAIBANA
NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Artigo apresentado ao curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

Aprovada em: 27 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo

Prof.^a. Dr.^a. Edna Maria Nóbrega de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Meneses

Prof.^a. Dr.^a. Joedna Reis de Meneses (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior (Examinador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Agradecimentos

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida.

A Universidade Estadual da Paraíba, campus Guarabira pela oportunidade de fazer o curso.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nóbrega de Araújo pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Agradeço a minha mãe Maria de Lourdes, ao meu pai Levi Quirino e a minha esposa e filha Maria Valentina que me deram apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Aos meus avos e tio (*in memoriam*), embora fisicamente ausentes, sentia suas presenças dando-me força.

Agradeço aos professores da Banca o meu querido Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior e Prof^a. Dr^a. Joedna Reis de Meneses Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	07
2	Discursos e formas sobre o corpo.....	09
3	Discursos sobre higiene e educação física para o corpo.....	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
	REFERÊNCIAS.....	19

SABERES E PRÁTICAS MÉDICO-PEDAGÓGICAS: OS DISCURSOS SOBRE O CONTROLE DO CORPO NA IMPRENSA PARAIBANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Levy Quirino Cavalcante Júnior¹

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar alguns discursos médico-pedagógicos publicados na imprensa paraibana na primeira metade do século XX sobre o controle do corpo através da medicina. Desde o fim do século XIX que os médicos paraibanos ou que medicavam na Paraíba, passaram a investir seus saberes e práticas para o campo da educação. Via nas escolas, uma forma mais hábil de educar higienicamente a população. Assim, optamos por verificar nesses discursos ditos medico-pedagógicos a participação da saúde na educação. Para tanto, problematizamos as notícias publicadas em periódicos como *A Imprensa* e a *Revista do Ensino e o Currículo Escolar do Estado da Paraíba* em vigor na época. São falas que disciplinavam e normatizavam, metáforas que se personificavam em códigos de civilizar. Conclui-se que esses discursos foram fundamentais para implementação das disciplinas de Higiene e Educação Física no currículo escolar.

Palavras-Chave: Discurso medico-pedagógico. Medicina. Corpo.

1 Introdução

“Talvez pareça paradoxal, que o médico, vivendo em contacto com o sofrimento humano, tanto se incline a contemplação da beleza e da harmonia das coisas”.

Assim descrevia Oscar Oliveira de Castro (1945, p. 13) a arte dos médicos na Paraíba no início do século XX. Homens considerados “virtuosos”, de “grande personalidade”, “dignos de veneração”. Profissionais que transitavam entre o ofício de medicar e as “coisas do espírito”, ou seja, uma forte vocação para as letras, textos, artigos, poemas. Mesclavam seu laborioso tempo entre a prática da medicina e a escritura e divulgação de uma literatura intencional, que na maioria das vezes serviam para projetar-lhes socialmente e politicamente. Discursos que produziam outros discursos: sobre a doença e a saúde, os cuidados com a higiene das ruas, das casas e dos corpos, dos gestos e das posturas, códigos de civilizar.

Marcas individuais de homens que foram registradas no tempo por produzir discursos possuidores de “alta faculdade filosófica e senso crítico em amplo sentido que não exigiam apenas dilatada cultura, mas a complexa natureza do espírito generalizador” (CASTRO, 1945,

¹ Aluno da Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: levycavancante@hotmail.com

p. 13). Escritos que determinavam normas a serem seguidas, alertava uma parcela da população elitista os devidos cuidados para manter o corpo saudável. Textos que tratavam das práticas higienizadoras e que produziam discursos médico-pedagógicos que ordenavam, disciplinavam, normatizavam. Falas de uma época que passaram a ser objeto de análise de historiadores buscando problematizar as sujeiras das unhas, a unicofagia, a agitação dos dedos, das mãos, dos lábios, dos braços encardidos, das maçãs dos rostos pintadas com ruge, das pernas depiladas com cal pulverizada, sulfidrato de soda e amido, do pescoço perfumado com perfume *Lubin*, do beijo. Gestos de corpos indolentes descritos nas páginas dos jornais *A Imprensa*² e *A União*³ que revelavam outros discursos que designavam palavras, faziam falar as rugas da testa, o retesamento dos músculos, a tez queimada pelo sol escaldante, a reviravolta das mãos, as contorções dos corpos.

A arte de medicar na Paraíba também produziu aqueles que dividiam seu tempo com a política: “dão exuberantes exemplo de cultura, de capacidade de trabalho, de ética profissional perfeita, de esforço, de amor à gleba natal, coragem ante as calamidades, dignos de que se rememore” (CASTRO, 1945, p. 14). Seus trabalhos colocavam-os em posturas de contemplação, nobres homens que traziam em suas maletas o poder de curar. No seu estetoscópio, o canal de ligação com os pacientes. Nos receituários, as fórmulas mágicas capazes de lançar longe aquilo que adoecia o corpo. Combatiam a morte.

Foram os médicos - especialmente aqueles de vida política -, que se dedicaram a tarefa de higienizar, de criar políticas educativas com o objetivo de civilizar a população paraibana em três distintas etapas, como aponta Azemar dos Santos Soares Júnior (2015): a primeira remonta a meados do século XIX com a criação de uma polícia sanitária responsável por fiscalizar, orientar e punir aqueles que lançavam seus dejetos e águas sujas nas ruas, que faziam das calçadas suas latrinas e jogavam porta a fora todo lixo produzido dentro de casa, a segunda entre 1895 e 1918, viu na imprensa uma forma de higienizar: publicava-se semanalmente – as vezes diariamente -, artigos e notícias sobre a importância da educação

² O jornal católico *A Imprensa* foi fundado em 27 de maio de 1897 pelo primeiro arcebispo da Arquidiocese da Paraíba, Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques. O jornal tinha como finalidade a propagação da fé e dos princípios cristãos. Surgiu em um período de transformação na estrutura social brasileira com a implantação da República, a laicização e o início da romanização da Igreja Católica no Brasil e sua expansão com a criação de novas dioceses. Em 1903, fechou suas portas por falta de recursos para sua manutenção, reaparecendo apenas em 1912. Por questões políticas, o interventor Ruy Carneiro ordenou o fechamento do jornal e depois de dois dias mandou reabri-lo, porém sua reabertura só se deu em 1946, período em que passou a funcionar em pequenos intervalos até 1968. Seu acervo encontra-se disponível no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba. Conferir em: *História de A Imprensa* (VELOSO, 2003).

³ *A União*, o periódico mais antigo que ainda circula na Paraíba foi fundado a 02 de fevereiro de 1893, como órgão divulgador do Partido Republicano, apoiando a gestão do seu fundador, o então presidente Álvaro Lopes Machado, é o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil. Ver: *Paraíba, imprensa e vida* (ARAÚJO, 1983).

higiênica num período em que as boticas vendiam aquilo que para época era considerado moderno - remédios, loções, perfumes, pós, tintas para os cabelos, dentre outros -. Os produtos considerados modernos e civilizatórios para época eram mencionados nos discursos médicos acerca da necessidade de higienizar-se. Ambos os projetos não foram vitoriosos. O primeiro faliu devido à falta de médicos sanitaristas e outros profissionais da saúde na então Província da Parahyba, além da ausência de investimentos financeiros do governo imperial. Uma estrutura “bem montada” na fala do médico João José Innocêncio Poggi, mas que na prática não se efetivou devido à deficiência no quadro de funcionários; no segundo modelo, embora contasse com outro grupo de médicos - bem maior -, também não logrou êxito, pois, os discursos produzidos nos jornais e revistas da época, chegavam as casas e olhos de uma pequena parcela da população paraibana: a elite. Nesse sentido, o segundo modelo educativo deixou de fora homens e mulheres pobres que não sabiam ler nem escrever, aqueles que não tinham acesso a imprensa, não recebiam as informações (Cf. SOARES JÚNIOR, 2015).

O terceiro modelo educativo voltou seus olhos para outros segmentos da sociedade: a escola e a infância. O médico sanitarista Flávio Maroja, acreditou ser necessário investir na infância como forma lançar as bases de uma educação hígida e saudável. Os discursos médicos produzidos a partir do final da década de 1910 ganharam um sentido pedagógico, não mais voltado às ruas, casas e corpos adultos, mas para escola, professores e alunos. Educá-los seguindo o modelo de corpos saudáveis, fortes, limpos. Para isso, foi necessário introduzir no currículo escolar, duas novas disciplinas: Hygiene e Educação Physica. Suas funções: modelar corpos, medicalizar a escola e higienizar os costumes. Dessa forma, tomamos como **objetivo** desse texto, analisar alguns discursos médico-pedagógicos publicados na imprensa paraibana na primeira metade do século XX sobre o controle do corpo através da medicina.

2 Discursos e formas sobre o corpo

Problematizar discursos médicos, corpos, práticas higiênicas, formação de professores e a infância na disciplina da História, requer um bom aporte teórico metodológico capaz de responder as inquietações que perturbam aqueles que se debruçam sobre os diversos temas nos domínios de Clio. Assim, tentamos nos aproximar da proposta de analisar os discursos publicados na imprensa paraibana através dos ensinamentos de Michel Foucault (1996). Problematizar discursos médico-pedagógicos, significa colocá-lo sob suspeição. Espremê-los. Ouvir seus sussurros. Questionar. Assim, entendo que o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro. Quando nos

deparamos com um discurso, no caso dos jornais, eles nos chegam em forma de escritos, ao pôr os olhos sobre esses escritos fazemos leituras. Essa associação culmina com a troca, com o diálogo daquilo que leio com aquilo que compreendo. Para Michel Foucault (1996), nesse momento o discurso se anula e é elaborado um outro discurso na ordem do significante, ou seja, na forma como entendemos e elaboramos. É isso que faremos com as fontes: leituras de “verdades”, para construir outras “verdades”. Assim, proponho nesse artigo, discutir alguns discursos médicos publicados na imprensa paraibana sobre a indicação da presença da Higiene e a Educação Física nas escolas da Paraíba. Um debate que permite ver com outros olhos discursos antes relegados a obiedades, capazes de produzir novos sujeitos históricos, problematizar outros objetos e apresentá-los ao público leitor numa narrativa que traz ao presente um passado que estava preso aos velhos jornais e avulsos documentos dos empoeirados arquivos da Paraíba.

Discursos que podem ser percebidos a partir do exemplo a seguir: afirmar que jovens saíam das igrejas da capital paraibana recolhendo alimentos para depois distribuir aos influenciados pobres no ano de 1918, seriam narrar o senso comum. O discurso aqui estaria presa exclusivamente a uma ação cotidiana, ou seja, aquilo que para os historiadores seria pouco. A narrativa científica buscou explicar sempre mais, buscou compreender, ter um valor narrativo, cognitivo. É capaz de fornecer explicações sobre aquilo que o historiador se interessa, portanto, a narrativa é o meio pelo qual se coloca em prática a explicação da pesquisa. Um constructo linguístico intertextual, como afirmou Keith Jenkins (2013) que deve sempre se apresentar no formato de uma escrita bem pensada, elaborada para que alcance o entendimento.

Assim, para alcançar o caráter científico é preciso sair da obiedade. Perceber que os jovens que arrecadavam alimentos nas ruas da cidade da Parahyba em fins de 1918 faziam parte “dos meios práticos para resolver os problemas dos doentes desvalidos, criando a *Comissão Central de Socorros aos Influenciados Pobres*” (SOARES JUNIOR, 2011, p. 43). Um grupo de católicos que reuniam-se com a função de formar equipes com finalidades diversas. A primeira tinha o papel de realizar visitas “domiciliares para avaliar *de visu* das necessidades individuais efetuadas pelos congregados marianos, filhas de Maria e irmãs de Lourdes e zeladoras do Apostolado da Oração” (*A Imprensa*, 02 nov. 1918); a segunda equipe da comissão era responsável pelas “compras realizadas e pela aquisição de gêneros alimentícios para pobreza” (*A Imprensa*, 02 nov. 1918).

Mostrar aquilo que estava por traz do interesse da elite católica: Enfatizar a “preocupação” da Igreja Católica apenas com os pobres famintos e doentes esquecidos pelo

governo local, além de criticar o descaso por parte desses para com a população que tinha seus corpos invadidos, enfraquecidos e conduzidos a um processo de desnaturalização: a morte? Não apenas. Buscava-se mostrar o poder da Igreja Católica em momento de forte conflito devido à laicização e o processo de romanização, bem como, denunciar um serviço de higiene deficiente adotado pelo Estado paraibano. Ficou a cargo da Igreja a iniciativa de reorganização social diante do grande número de vítimas da influenza espanhola, a impotência diante da morte e a exclusão dos doentes.

Ao contar uma história, o pesquisador deve levar em conta que não se é possível atingir a uma totalidade dos fatos, pois apesar da “narrativa tentar preencher lacunas não podemos esquecer que os fatos podem vir de forma cronológica, porém, está cheio de elementos fragmentados das histórias, de parcelas de memórias de narrativas abreviadas” (RÜSEN, 2010, p. 151). Assim, partes, fragmentos, detalhes das histórias caem no esquecimento. São pedaços que foram deixados de lado por aqueles que produziram documentos e memórias, por julgar um determinado acontecimento ser mais importante que outro. Daí a importância do historiador levar em consideração a mentalidade da época em que se está analisando. Tomemos por exemplo o caso da história dos doentes numa cidade do século XIX: grande parte da documentação acerca do tema foi produzida por uma elite política e intelectual que estava preocupada em afastar de seus palacetes as epidemias que se alastravam pelas ruas das cidades. A maior referência dos jornais aos doentes, são homens da elite, que por sua importância política, revela a seus pares seu estado de saúde via imprensa local. A população pobre, quando aparece, é apenas nos quadros demonstrativos dos *Relatórios de Presidentes de Província* prestando conta ao Governo Central o número de óbitos, e muito raramente as causas das mortes. Dessa forma, a história das doenças teria poucos personagens: os membros da elite, que também seriam os responsáveis pelo combate a proliferação das epidemias⁴.

Problematizar esses discursos faz-se necessário. São fundamentais na hora de perceber aquilo que está escondido. Aquilo que não foi dito. Ou melhor, aquilo que foi omitido. É o que tentamos fazer com alguns documentos médico-pedagógicos que encontramos ao longo dessa jornada. Para tanto, passamos a analisar esses textos sobre higiene e educação física na Paraíba do começo do século XX.

⁴ Não que fosse impossível averiguar casos de epidemias dentre os pobres, é possível consultar outra documentação para constatar o mesmo, como os livros de óbitos das freguesias, os relatórios da Santa Casa de Misericórdia, esporadicamente alguma notícia de jornal circulado por uma oposição ao governo criticando as práticas de poder e revelando o caos, entre outros.

3. Discursos sobre higiene e educação física para o corpo

A escola que ensinava culto a pátria era a mesma que declarava amor aos cuidados do corpo. A *Revista do Ensino* passou a partir de 1936 a trazer uma série de artigos direcionados ao corpo docente de forma geral dando a orientação dita científica para uma educação física associada à educação cívica. Isso fica bastante claro na fala do professor Aluísio Xavier que declarou nos “últimos tempos que as vistas dos dirigentes do nosso Estado voltou-se para o desenvolvimento da educação da juventude, encarando-a em todos os seus aspectos: physico, moral e intellectual” (XAVIER, 1937, p. 9). Uma tríade que segundo o autor só poderia ser possível incentivando a “gymnastica diária, tão necessária para educar o nosso systema nervoso, equilibrar a saúde e manter a força” (XAVIER, 1937, p. 9), seguir um modelo que vinha de fora, dos Estados Unidos, Inglaterra e França, que como “prova” de sua “civilidade” fez da ginástica uma obrigatoriedade ao ponto de não poder conceber educação alguma sem a participação da educação física (Cf. SOARES JR; SILVA, 2012, p. 2538).

Nos discursos sobre a educação física, evidenciamos uma série de metáforas, ou seja, a arte de “dar a uma coisa o nome de outras; um breve e intenso floreio de retórica, como que para exorcizar o poder sedutor do pensamento metafórico” (SONTAG, 2007, p. 81), como “equilíbrio da saúde”, “regeneração física”, “energia e boa vontade”, “*sports*”, “exercícios educativos”, “caminho pare beleza”, “controle do sistema nervoso”, dentre outros. São palavras e expressões que dentro de um contexto nos remete diretamente a importância da educação física. São palavras de tônica intensa que buscavam encorajar homens, mulheres e crianças a deleitar-se nos hábitos corporais físicos. Para isso, uma série de ensinamentos teóricos e práticos era reproduzida nos jornais e revistas da época, especialmente os de teor físicos e mímicos.

A princípio, os docentes deveriam saber em mente as regras gerais para orientar a execução dos exercícios em casa e na escola:

- 1) – Praticar os exercícios de preferência pela manhã, depois de uma leve refeição;
- 2) – Se o tempo permitir, fazel-os ao ar livre, e sendo dentro de casa com as janelas abertas;
- 3) – As roupas devem ser folgadas e leves, de preferência um calção acima dos joelhos;
- 4) – Executar os movimentos com perfeição, com cuidado; cada movimentos, cada contração muscular deve ser levada ao máximo possível, com decisão, mas sem movimento brusco;
- 5) – Devemos terminar a série de gymnastica sem sentirmos cansaço, e sim sensação de bem estar; depois de cada série de movimentos, se ficar um

pouco ofegante, repetir o exercício respiratório e respirar calma e profundamente, até voltar a respirar ao estado normal.

6) – Cada movimento deve ser repetido um número de vezes 4, 8, 16, 20 vezes de acordo com o maior ou menor esforço que demandam e com a disposição e bem estar do indivíduo.

7) – Os movimentos devem ser executados de um modo completo e contínuo.

8) – Começar e terminar cada lição por uma marcha rítmica (XAVIER, 1937, p. 9-10).

As determinações não paravam por aí. Passou-se a exigir todo um cuidado específico com a respiração especialmente nos movimentos mais rápidos, que deveriam ser realizados com menos pressa: “o salto, a marcha e a carreira, devem ser rítmicos pelos movimentos naturais de respiração” (XAVIER, 1937, p. 10). Portanto, indicava-se começar pelos exercícios mais fracos valorizando o movimento muscular, e claro, nunca esquecendo que durante os exercícios era necessário respirar francamente e não reter a respiração. Nesses termos, os exercícios educativos incidiam sobre as diversas partes e funções do corpo, sob a guia de respirar bem; para isso, foram divulgados exercícios respiratórios com a indicação de realizar

1º Movimento – Posição fundamental, pés unidos ou afastados: levar as espáduas para a frente e para trás.

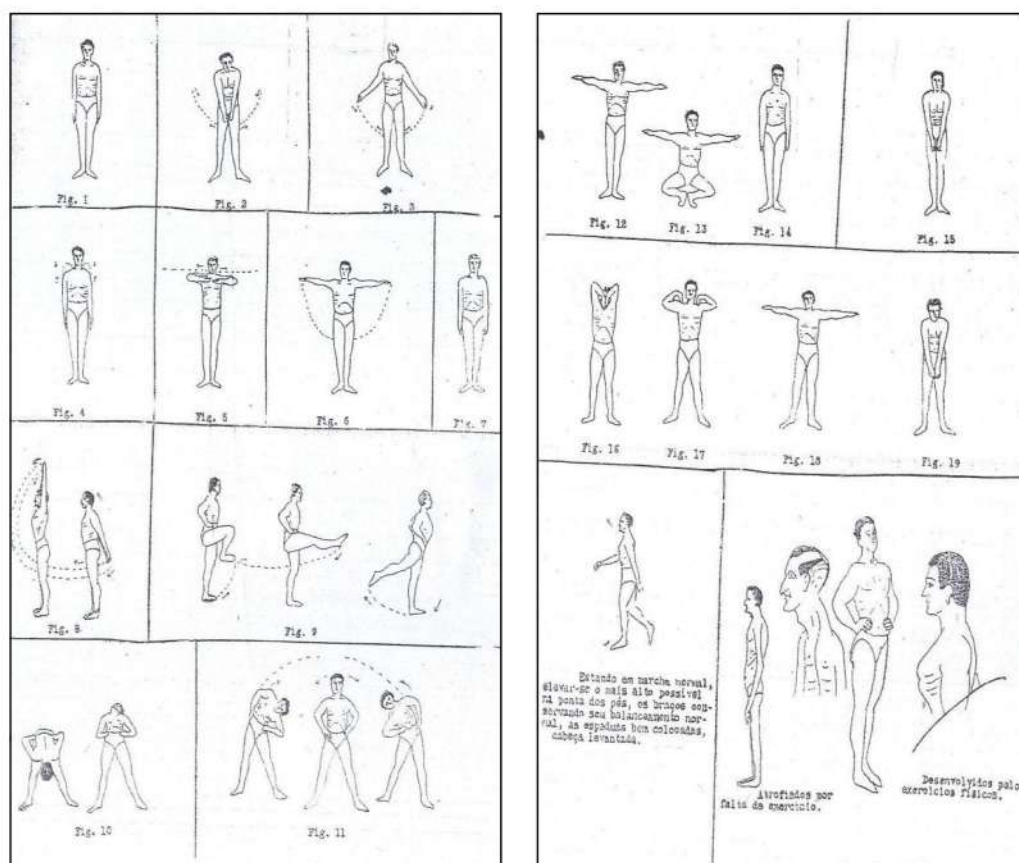
1º Expírar levando as espáduas para a frente, braços caídos naturalmente, palmas das mãos voltadas para o corpo.

2º Inspirar afastando as espáduas e levando-as para trás e para baixo, palmas das mãos pra cima (XAVIER, 1937, p. 10-11).

Havia exercício para cada parte/função do corpo: *Posição fundamental* que mantinha os braços caídos naturalmente, palma das mãos ligeiramente afastadas do corpo, voltadas um pouco para frente e sem contrações; o *Movimento dos ombros* com elevação simultânea dos ombros com energia o mais alto possível, sem contrair o braço, logo em seguida baixando-s vagarosamente; *Exercícios dos braços* iniciando sempre com a elevação lateral dos braços e flexão dos antebraços seguido da elevação vertical dos braços; *Exercício das pernas* onde cada criança deveria posicionar as mãos sobre os quadris, elevar o joelho e estender a perna para frente, depois estendê-la para trás e voltar a posição fundamental, perna a perna; *Exercício do tronco* com as mãos na cintura para realizar a flexão e extensão do tronco: inclinar a cabeça e o tronco quanto possível para frente, sem refletir as pernas, depois inclinar a cabeça o máximo possível para trás e tornar ao ponto de partida, era comum fazer ainda a flexão lateral do tronco; para realizar o *Exercício combinado* fazia-se necessário realizar a elevação da ponta dos pés, com a elevação lateral dos braços estendidos, flexão e extensão das pernas: levantar-se sobre as pontas dos pés, flexionar as pernas distanciando os joelhos

deixando os calcanhares juntos, logo em seguida, retificando todo o corpo por repetidas vezes e pôr fim a *Marcha sobre a ponta dos pés* que eleva-se o mais alto possível nas pontas dos pés, os braços oscilando naturalmente, as espáduas bem colocadas e a cabeça levantada.

Imagem I: Exercícios físicos



Fonte: Revista do Ensino, 1937.

Tais exercícios revelavam distinções que “podiam também sugerir a força, a evasão podia se assemelhar ao ascetismo: rigor favorecido, além disso, por meio de um imaginário mais desenvolvido das tensões, concorrências e competições” (VIGARELLO, 2006, p. 163). Só a execução das tarefas físicas prometia reconstruir uma escultura de si. Assim, foi colocada à disposição da população para corrigir as imperfeições físicas e afastar de seus corpos a sujeira, a torpeza, a doença, os maus sentimentos. Nesse sentido assegurar a beleza dos corpos significava extirpar dele tudo que fosse considerado sujo, pois, nesse momento,

[...] enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; deve-se respeitá-lo, quer dizer, cuidar constantemente do seu bom funcionamento, lutar contra sua obsolescência, combater os sinais da sua degradação por meio de uma reciclagem permanente; a decrepitude física tornava-se uma torpeza (LIPOVETSKY, 2005, p. 42).

O resultado almejado tendia para a concretização de um corpo forte, saudável, vigoroso, rijo, capaz de seduzir homens e mulheres, de despertar o interesse pelo outro, bem como, de ser possuir do corpo semelhante ao do outro. A beleza podia não ser a temática central de interesse na veiculação da feitoria dos exercícios, visto que a tônica era disciplinar o homem para ser forte e saudável além de estar preparado para o trabalho e o serviço a sua pátria. Mas, que o interesse de possuir o corpo belo despertou o interesse de alguns indivíduos, é bastante evidente. Assim, segundo Meily Assbú Linhares (2009, p. 72), cultivar corpos por meio de atividade física não significava pensá-lo apenas como um fim em si mesmo, mas também perceber que as prescrições para a prática esportiva aparecem impregnadas de um “ideário estético – o que associou a noção de beleza helênica – e principalmente de um ideário moral, que vincula seu potencial à saúde e a regeneração dos fracos e débeis, contra os vícios” (LINHARES, 2009, p. 72).

Quanto ao currículo escolar lançado em 1937 da disciplina de Educação Physica, privilegiava todos os anos do curso primário e complementar com um regime de lição que contemplava a *sessão preparatória*, a *lição propriamente dita* e a *volta à cama*:

Sessão preparatória:

Evoluções, marchas em círculos, simples, ou com batimento de palmas, marchas allegoricas, militar, nupcial, funeral, etc.

Rodas: cirandas e exercícios plásticos em círculos.

Corridas: sobre as pontas dos pés, com pequenos saltos, com passos de valsa, etc.

Lição Propriamente dita:

Exercícios mímicos – Marcha: marcha dos policiaes, o ladrão, quadrúpede, o pato, o trem de ferro; trepar: o trepador; o carangueijo; saltar: o polichinello, o alfaiate; suspender e carregar: o portador de água, o tocador de sinos, a onda, a roda, o remador; lançar: o arremesso do dardo, o moinho de vento; lutar: o boxeador.

Pequenos jogos: respiratórios: a sopa esta quente, cheirar uma flor do trem de ferro, etc.;

Educativos: o morto e o vivo, a corrida da mosca, o gato doente, a lucta de gallos, passar a bola.

Volta á cama:

Marcha sobre as pontas dos pés, marcha para trás, marcha commum para corrigir os differentes movimentos do corpo, dos membros e da cabeça, exercícios de ordem e disciplina (MELLO, 1937, p. 111).

Todas as etapas acima expostas deveriam ser explicadas pelos professores aos alunos, exercício por exercício, mímica por mímica, jogo por jogo, deixando claro a importância de

cada um deles, suas funções para o corpo e para a educação. O plano de ensino da disciplina reforça a ideia de que “a base do ensino de ginástica é de máxima importância, devendo os professores empregar toda paciência para obtel-a desde o começo, e antes de inicias os exercícios desenvolver a atenção e a compreensão rápida das crianças para obter a execução certa e imediata dos commandos” (MELLO, 1937, p. 112).

Essa proposta curricular estava inserida nos princípios da educação da saúde, que por sua vez agrupava os cuidados com o corpo, o combate as doenças, as posturas cívicas, os códigos de civilidade. Nesse sentido, a educação da saúde na escola tinha por finalidade principal “assegurar as crianças uma vida tão sadia quanto for humanamente possível, inculcar-lhes hábitos e orientá-las a aquisição dos conhecimentos práticos e das informações essenciais ao cultivo da saúde, para que ao terminar o curso, tenham elas formado uma consciência bem viva de saúde” (BONFIM, 1942, p. 37), que sejam crianças capazes de cooperar inteligentemente no cultivo de sua própria saúde e na defesa as saúde de seus familiares, da coletividade. O professor tornava-se nesse contexto um educador de saúde.

4 Considerações finais

Num dia ensolarado de 1938, as crianças já enfileiradas debaixo dos galpões esperavam o início da realização das atividades físicas. Ordeiramente todos seguiam as ordens do professor: deu-se um passo para frente com o pé esquerdo, levantou levemente a perna direita, estendida para trás; logo em seguida deu um passo para frente com o pé direito, levantando a perna esquerda para frente com o joelho flexionado e a parte superior da perna, horizontal a parte inferior, vertical; voltou a dar um passo para frente com o pé esquerdo, levantando a perna direita para frente como a esquerda, depois com o pé direito e assim por diante. Os braços foram erguidos para cima num gesto de alegria, a cabeça ereta, seguindo todo um ritual cívico. Assim, ensinavam-se as crianças a *Marcha João Pessoa*.

Esse tipo de exercício, também chamado de marcha ginástica era “o melhor meio para obter disciplina e precisão, devendo-se repetir com paciência em rodas, serpentinas, cadeias, etc., tanto nas fórmulas alegóricas como nas formas educativas” (MELLO, 1937, p. 115). Um ensinamento que mesclava culto ao corpo e a pátria: exercitava-se os músculos remetendo o esforço aquele que “morreu” por seu estado – o Presidente João Pessoa. Instalava-se um culto ao cívico através do corpo que extrapolavam as formas educativas e ganhavam as ruas das cidades paraibanas durante dos festejos de Independência, da Proclamação da República, no dia da Bandeira, dentre outros.

São saberes e práticas educativas que mudaram o seu direcionamento na década de 1930. Ora, expusemos ao longo desse artigo, que durante as duas primeiras décadas do século XX, teve início um processo chamado de medicalização da escola, na qual médicos sanitaristas como Flávio Maroja, Teixeira de Vasconcelos, Octávio Seixas, dentre outros, passaram a interferir na educação escolar publicando as benfeitorias da realização da educação física na imprensa local. Porém, apenas as escolas privadas adotaram esse modelo de medicalização adotando a prática da ginástica sueca, do *sport*, da exigência de cartões de vacinação no ato da matrícula, da utilização das cadernetas médico-pedagógicas, do exame biomédico antes da realização das atividades físicas, enfim, da participação médica nas escolas privadas. Enfim, um saber restrito a uma pequena parcela da população que podia pagar por um ensino diferenciado.

Vale ressaltar que de acordo com Soares Júnior (2015) esse projeto médico-pedagógico, não obteve êxito tratando-se de alargar seus ensinamentos para as escolas públicas. Foi preciso esperar a chegada do Estado Novo para efetivar a educação física como parte de um projeto cívico de amor à pátria. Com o Decreto 961 de 11 de fevereiro de 1938 ficou instituída obrigatoriamente a disciplina de Educação Physica como parte integrante do currículo escolar em todo o estado da Paraíba com a finalidade de “encaral-a como uma matéria superior de regenerar physica, moral e intellectualmente os indivíduos”. A principal dificuldade no cumprimento da disciplina parecia ser a falta de profissionais qualificados para executar os ensinamentos da ginástica. É o que mostra Aluisio Xavier ao afirmar que o “número de rotineiros é grande, entre nós; devemos trabalhar para combatê-los” (XAVIER, 1937, p. 9). Assim, cabia a superintendência da *Instrução Publica* fiscalizar para que o movimento inicial de atividades físicas nas escolas não diminua de intensidade, bem como, seja assegurado a todas as cidades que possuem escolas. Para isso, a imprensa continuou sendo o principal meio de divulgação dos novos saberes e práticas educativas pertinentes à educação física e cívica, além de uma série de formação de professores que aconteciam de forma trimestral para orientar os professores a executar os exercícios físicos e o amor à pátria com muita energia e boa vontade.

**MEDICAL AND PEDAGOGICAL KNOWLEDGE AND PRACTICES:
THE DISCUSSIONS ON BODY CONTROL IN THE PARAIBANA PRESS
IN THE FIRST HALF OF THE TWENTIETH CENTURY**

ABSTRACT

This work of course completion aims to analyze some medical-pedagogical discourses published in the Paraíba press in the first half of the twentieth century on the control of the body through medicine. Since the end of the 19th century, doctors from Paraíba or doctors in Paraíba began to invest their knowledge and practices in the field of education. He saw in schools, a more clever way of educating the population hygienically. Thus, we opted to verify in these so-called medical-pedagogical discourses the participation of health in education. To do so, we have analyzed the news published in periodicals such as The Press and the Journal of Education and the School Curriculum of the State of Paraíba. These are discourses that discipline and normalize, metaphors that are embodied in codes of civilization. It is concluded that these discourses were fundamental for the implementation of the disciplines of Hygiene and Physical Education in the school curriculum.

Keywords: Medical-pedagogical discourse. Medicine. Body.

Referências

- ARAÚJO, Fátima. *Paraíba, imprensa e vida*. João Pessoa: A União, 1983.
- BONFIM, Pedro Calheiros. *Educação e saúde*. In: Revista do ensino. João Pessoa: Departamento de Educação, 1942.
- CASTRO, Oscar Oliveira. *Medicina na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1945.
- FOUCAUL, Michel. *A ordem do discurso*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LINHARES, Meily Assbú. *A escola e o esporte*. Uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. São Paulo: Manole, 2005.
- MELLO, J. Baptista. Programa de ensino. In: *Revista do Ensino*. João Pessoa: Departamento de Educação, 1937.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2009.
- PYKOSZ, Lausane C., TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus. A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do Paraná. *Currículo sem fronteiras*. n. 1, p. 135-158, jan/jun. 2009.
- RÜSEN, Jorn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- SILVA, Vânia Cristina da; SOARES JÚNIOR, Azemar S. *Corpos educados: disciplinarização católica no jornal A Imprensa*. Recife: Ed. Universidade Católica, 2010, p. 58-72.
- SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)*. Rio de Janeiro: AMCGUADES, 2015.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- VAGO, Tarcisio Mauro. *Cultura escolar, cultura de corpos*. São Paulo: USP, 2002.
- VELOSO, Ricardo Grisi. História de A Imprensa. *Caminhando Juntos*. Páscoa não deve ser só chocolate. João Pessoa, n. 8, p. 5, abr. 2003.
- VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

XAVIER, Aluisio. Educação Physica. In: *Revista do Ensino*. João Pessoa: Departamento de Educação, 1937, p. 09.